

DA GRADUAÇÃO AO MESTRADO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE O INGRESSO E A PERMANÊNCIA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFMS

Eixo 1 – Questões teórico-metodológicas da Pesquisa Educacional

Jéssica Cristina Flores Vinga³⁸
Douglas da Silva Araujo³⁹
Tiago Gomes Lima Silva⁴⁰

Resumo

O presente relato de experiência analisa o percurso de transição da graduação para a pós-graduação *stricto sensu* no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A investigação problematiza os desafios adaptativos enfrentados por mestrandos diante da opacidade informacional dos processos seletivos e do rigor das disciplinas iniciais. Mediante abordagem analítico-reflexiva, os achados evidenciam que a aproximação e a permanência na pós-graduação dependem substancialmente de redes de apoio e da consolidação do artesanato intelectual. Conclui-se ressaltando a urgência de democratizar as informações institucionais e fortalecer políticas contínuas de acolhimento discente no campo educacional.

Palavras-chave: Pós-graduação *stricto sensu*; Transição acadêmica; Acolhimento discente; Permanência universitária.

Introdução: o ingresso

O ingresso na pós-graduação *stricto sensu* representa um importante marco na trajetória acadêmica, sendo permeado por expectativas, desafios e processos de tomada de decisão que envolvem desde a escolha do programa até a participação no processo seletivo. Nesse percurso, o acesso a informações claras e confiáveis acerca dos editais, das linhas de pesquisa, dos grupos de estudo e da dinâmica do programa pode influenciar significativamente a aproximação de futuros pesquisadores com esse espaço de formação.

Assim, discutir as experiências vivenciadas nesse momento inicial contribui para compreender aspectos que favorecem ou dificultam o acesso à pós-graduação e possibilita refletir sobre estratégias de acolhimento e democratização das informações.

Este relato emerge da experiência de sujeitos ingressantes da linha de pesquisa intitulada Sujeitos, Diferenças e Experiências Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Faculdade de Educação (Faed), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Embora desenvolvam pesquisas voltadas a diferentes objetos de investigação e sejam orientados por docentes distintos, os autores compartilham um mesmo espaço formativo, fundamentado em perspectivas teóricas e metodológicas que dialogam entre si. Essa diversidade de

³⁸ Mestranda em Educação (PPGEdu/UFMS), graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação (Faed/UFMS) e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX). E-mail: jessica.flores@ufms.br.

³⁹ Mestrando em Educação (PPGEdu/UFMS), graduado em Educação Física pela Faculdade Unigran Capital. Integrante do Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças: Impróprias. E-mail: dglsilva28@gmail.com.

⁴⁰ Mestrando em educação (PPGEdu/UFMS), especialista em educação especial, professor bilíngue e integrante do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Humano e Educação Especial (GDHEEsp). E-mail: tiago.gomes.silva@alumni.usp.br.

pesquisas evidencia a amplitude da linha de pesquisa e, ao mesmo tempo, possibilita a construção de reflexões coletivas acerca das vivências que marcaram o ingresso no programa.

Diante disso, este relato tem como objetivo apresentar e refletir sobre as experiências de ingresso de três mestrandos do PPGEdu/Faed/UFMS, abordando os percursos que os conduziram ao programa, as formas pelas quais tiveram conhecimento de sua existência, o acesso às informações que subsidiaram sua participação no processo seletivo e as percepções construídas durante esse momento inicial da formação acadêmica. Ao reunir essas vivências em uma narrativa coletiva, busca-se não apenas evidenciar os caminhos percorridos por novos estudantes, mas também oferecer subsídios para futuras discussões sobre o acesso, a permanência e o acolhimento na pós-graduação.

Trajetórias de ingresso e os desafios do processo seletivo

Nossos interesses pela pesquisa acadêmica foram construídos de diferentes maneiras e em momentos distintos de nossas trajetórias de formação. Para uma de nós, esse interesse surgiu durante o quinto semestre da graduação em Pedagogia, embora houvesse afinidade com a Educação Infantil e apreço pelas vivências práticas proporcionadas pelos estágios, naquele momento ainda não havia a intenção de atuar exclusivamente no ambiente escolar.

Aos poucos, foi se fortalecendo o desejo de seguir pelo caminho da investigação científica e esse interesse foi acompanhado pelo hábito de escrever diários, iniciado no começo da graduação, e pelo contato com textos acadêmicos em formato narrativo, gênero com o qual houve identificação desde o primeiro ano do curso.

Como forma de preparação para a pós-graduação, uma de nós optou por elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), embora esse componente não fosse obrigatório na matriz curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A pesquisa foi desenvolvida com a orientação de uma docente a partir do início de 2025 e apresentada em novembro do mesmo ano.

O PPGEdu, por estar vinculado à Faculdade de Educação (Faed), fazia parte do cotidiano universitário e era conhecido por uma de nós enquanto estudante da Faed. No entanto, conhecer a existência do programa não significava, necessariamente, ter acesso às informações necessárias para ingressar nele.

Discussões sobre as linhas de pesquisa, os critérios de seleção, a elaboração do pré-projeto, a organização do Currículo Lattes e as atividades complementares que poderiam ser consideradas na avaliação curricular não estavam presentes de maneira sistemática na formação inicial. Assim, muitas dessas informações precisaram ser buscadas individualmente, por meio de conversas, pesquisas e contatos com pessoas que já haviam vivenciado o processo.

Diante da ausência de atualizações iniciais no site do programa, foi necessário recorrer a outras fontes de informação, o contato com amigos que já estavam matriculados no mestrado foi fundamental para compreender melhor a estrutura dos editais, a organização do pré-projeto e os critérios de avaliação. Também foi por meio dessas trocas que surgiu a orientação para reunir, com antecedência, certificados de participação em eventos e publicações em anais que poderiam contribuir para a análise curricular.

Em outra trajetória, o ingresso no mestrado também não apareceu como um objetivo definido desde o início da graduação, o interesse pela pesquisa foi sendo construído gradualmente, a partir das experiências vivenciadas com professores que marcaram sua formação acadêmica.

Entre essas experiências, destacaram-se estratégias de organização dos estudos, como a técnica Pomodoro, que evidenciou a importância do planejamento, da disciplina e da constância na aprendizagem, e o uso do *storytelling* como recurso pedagógico, aproximando conceitos científicos de estruturas narrativas capazes de estimular o pensamento crítico e a curiosidade investigativa. A

partir dessa vivência, a busca por informações sobre a pós-graduação também foi realizada de forma autônoma.

O acompanhamento dos editais e as consultas frequentes ao site do PPGEduc foram algumas das estratégias utilizadas para compreender o funcionamento do processo seletivo. Assim como ocorreu com a outra trajetória, a ausência de orientações institucionais sistematizadas sobre as linhas de pesquisa e as etapas da seleção fez com que esse processo dependesse, em grande medida, da iniciativa individual, da persistência e da busca por informações em diferentes espaços.

Embora nossas experiências de aproximação com a pesquisa e de preparação para o ingresso no mestrado tenham acontecido de maneiras distintas, elas apresentam um ponto em comum: a percepção de que o acesso à pós-graduação não depende apenas do interesse ou da dedicação individual.

O processo seletivo e o ingresso no PPGEduc, na linha de pesquisa Sujeitos, Diferenças e Experiências Educativas, foram vivenciados por nós de diferentes maneiras, mas atravessados por desafios burocráticos, exigências intelectuais e intensas experiências emocionais. Nossos percursos evidenciam que a transição entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu* não se constitui como um caminho linear, mas envolve diferentes obstáculos que vão desde a compreensão dos processos seletivos até as condições necessárias para permanecer no programa.

Para uma de nós, a compreensão do processo seletivo apresentou-se inicialmente como um obstáculo em razão da dispersão das informações em diferentes portais institucionais. O Edital do Processo Seletivo Unificado 2026 (PSU26), publicado no site da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP), apresentava orientações gerais para diferentes cursos de Mestrado e Doutorado, sendo que somente nos anexos havia o direcionamento para o site específico do PPGEduc. Foi nesse espaço que se tornou possível consultar informações mais específicas, como o cronograma de inscrições e as leituras indicadas para a Prova de Conhecimentos Específicos.

Para uma de nós, o ingresso no programa também trouxe desafios relacionados à permanência. Como pedagoga, havia a necessidade de conciliar o mestrado com a inserção no mercado de trabalho para custear as despesas do período de formação.

No entanto, os dias e horários das disciplinas foram divulgados apenas em 20 de fevereiro, período muito próximo ao início do ano letivo da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Como as contratações nas redes escolares costumam ocorrer antes do início das aulas, a ausência antecipada dessas informações dificultou a busca por uma oportunidade de trabalho que pudesse ser conciliada com a rotina acadêmica.

Diante dessa situação, foi necessário buscar informações sobre as possibilidades de acesso a bolsas de estudo, nesse processo, surgiu a informação de que o programa trabalhava com uma lista de espera, de modo que a liberação de novas bolsas dependia, entre outros fatores, da conclusão do curso por parte dos discentes veteranos. Ao buscar outras alternativas, também foi identificada a oferta de auxílios de permanência para estudantes da pós-graduação pela universidade, disponíveis desde 2025.

Em outra trajetória, o ingresso no PPGEduc foi marcado principalmente pela intensidade das exigências intelectuais e metodológicas, onde a preparação para a seleção envolveu uma rotina de leituras, escritas e aprofundamento teórico, exigindo dedicação constante para a construção e consolidação da candidatura. Nesse percurso, o processo seletivo foi vivenciado como uma etapa de grande esforço, na qual o domínio dos conhecimentos e a preparação acadêmica se apresentaram como elementos fundamentais para a conquista da vaga.

A espera pelos resultados foi, portanto, vivenciada com apreensão, até que a confirmação da aprovação representou um momento de realização pessoal e profissional, marcado pelo reconhecimento de todo o esforço, da dedicação e da persistência mobilizados ao longo do percurso.

Cada um, à sua maneira, precisou lidar com dúvidas, expectativas, inseguranças, exigências acadêmicas e condições de permanência.

Nesse sentido, nossas experiências dialogam com o panorama mapeado por Luiza Almeida (2025), em seu Estado da Questão sobre a pós-graduação. Ao analisar a literatura produzida entre 2017 e 2022, a autora evidencia que a evasão e as dificuldades de retenção não são eventos isolados, mas decorrem de uma complexa articulação entre fragilidades financeiras, suporte institucional insuficiente, falta de clareza nos processos e desafios de adaptação à cultura acadêmica.

As incertezas econômicas diante da ausência inicial de bolsas, a busca solitária por informações e os dilemas de permanência narrados neste relato deixam de ser meros percalços individuais para se revelarem como manifestações empíricas das barreiras estruturais já diagnosticadas pela literatura científica nacional.

O estranhamento inicial e o artesanato intelectual

O início de nossa trajetória no mestrado também foi marcado por diferentes experiências de estranhamento, insegurança e aprendizagem. Para um de nós, o primeiro contato com as disciplinas, com a densidade das leituras e com as discussões acadêmicas foi acompanhado por sentimentos de insegurança e por uma sensação de fragmentação conceitual.

Diante de tantos conceitos e novas formas de pensar a pesquisa, chegou-se a questionar a própria permanência e o pertencimento ao espaço da pós-graduação, no entanto, à medida que os estudos avançaram, esse cenário começou a se transformar. As leituras teóricas passaram, gradualmente, a se articular de maneira mais orgânica, permitindo que conceitos que inicialmente pareciam desconectados comessem a produzir sentido.

As experiências vivenciadas no início do curso também nos permitiram perceber que o processo de formação na pós-graduação não acontece de maneira individual. As trocas de experiências, os debates em sala de aula e o contato com diferentes perspectivas contribuíram para que compreendêssemos a pesquisa como uma construção coletiva.

A transição da graduação para a pós-graduação *stricto sensu* retratada no relato evidencia a dinâmica do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. As sensações de insegurança, estranhamento e fragmentação conceitual vivenciadas pelos discentes no início do mestrado refletem o desajustamento temporário entre os esquemas práticos assimilados em suas formações anteriores e as exigências do novo campo acadêmico.

Contudo, à medida que os pesquisadores avançam no curso e dominam o artesanato intelectual, suas disposições iniciam um processo ativo de reorganização. Como argumenta Maria Setton (2002, p. 67):

Reitero a necessidade de considerar o *habitus* um sistema flexível de disposição, não apenas resultado da sedimentação de uma vivência nas instituições sociais tradicionais, mas um sistema em construção, em constante mutação e, portanto, adaptável aos estímulos do mundo moderno: um *habitus* como trajetória, mediação do passado e do presente; *habitus* como história sendo feita; *habitus* como expressão de uma identidade social em construção.

A partir dessa perspectiva, compreendemos que o ingresso na pós-graduação também se constitui como um espaço de mediação e transformação, o contato com novas formas de leitura, escrita e produção do conhecimento exige que nossas experiências anteriores sejam constantemente revisitadas e reorganizadas. A assimilação do rigor metodológico e das novas formas de escrita crítica, nesse sentido, não ocorre de maneira imediata, mas é construída ao longo do próprio processo formativo, por meio das experiências, das orientações e das trocas que estabelecemos durante o curso.

Para outro de nós, um dos momentos mais significativos dessa inserção no programa ocorreu durante a disciplina obrigatória Seminários de Pesquisa da Linha 2 (Sujeitos, Diferenças e Experiências Educativas), ministrada pelo professor Marcelo. Inicialmente, esperava-se que a disciplina seguisse um formato mais próximo dos seminários tradicionais, centrado na leitura e na apresentação de textos, no entanto, a proposta encontrada foi direcionada à reconstrução e ao aprofundamento dos pré-projetos de pesquisa, o que possibilitou uma aproximação mais intensa com o processo de elaboração da dissertação.

Sob a mediação do docente, os pré-projetos foram analisados e discutidos de maneira detalhada, a inserção contínua de referenciais teóricos, entre eles a filosofia de Michel Foucault, e o contato com novas ferramentas metodológicas contribuíram para que não apenas um de nós, mas toda a turma, pudesse transformar propostas iniciais em projetos mais consistentes e teoricamente fundamentados.

Nas primeiras semanas, esse processo envolveu tanto questões relacionadas ao rigor formal e à padronização dos trabalhos conforme as normas da ABNT quanto discussões sobre a própria maneira de produzir conhecimento científico. Entre essas questões, destacou-se a adoção da grafia do primeiro nome dos autores nas citações como uma estratégia política de visibilidade de gênero na ciência.

No plano conceitual, nossos textos também passaram por um processo de revisão e problematização, o problema de pesquisa foi repensado a partir da necessidade de evitar pressupostos definidos previamente, os objetivos foram delimitados com a utilização de um único verbo no infinitivo e termos considerados analiticamente ambíguos, como "efeitos" e "impacto", foram retirados. Da mesma forma, seções como "resultados esperados" e "cronograma" foram revistas, considerando as características da investigação qualitativa.

Nesse processo coletivo, também nos aproximamos da compreensão da pesquisa como um "artesanato intelectual", conceito respaldado pela literatura de Gondim e Lima (2006). Essa perspectiva possibilitou compreender a investigação como um processo que envolve liberdade criativa, escolhas e constante construção.

A partir dessas experiências, um de nós também passou a se aproximar da problematização foucaultiana e dos referenciais pós-críticos fundamentados na filosofia da multiplicidade de Gilles Deleuze, além das contribuições de Marlucey Paraíso (2018) e Tiago Duque (2020).

Essa aproximação possibilitou repensar conceitos e compreender a diferença entre a noção mais estática de "diversidade" e o caráter dinâmico da "diferença". Paralelamente, o processo de construção da pesquisa também envolveu as exigências éticas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), o cuidado com os procedimentos necessários junto ao Comitê de Ética e a compreensão da importância do estudo piloto.

Por fim, o aprofundamento na análise de discurso de matriz foucaultiana e a articulação com a interseccionalidade, fundamentada em Kimberlé Crenshaw (2002), Adriana Piscitelli (2008) e no estudo do professor Marcelo Rosa (Rosa; Salerno, 2025), possibilitaram ampliar as discussões sobre os diferentes marcadores sociais presentes nas pesquisas, como gênero, raça, classe, deficiência e profissão. A delimitação do mapeamento bibliográfico em repositórios como a BDTD, o InterMeio/ANPEd e o Repositório da UFMS também contribuiu para o amadurecimento teórico e metodológico do projeto.

Embora nossas experiências de inserção no mestrado tenham ocorrido de maneiras distintas, elas nos aproximaram de uma compreensão comum sobre o processo de formação na pós-graduação. As inseguranças iniciais, o contato com novas teorias, a reconstrução dos projetos de pesquisa, o aprendizado das exigências metodológicas e as discussões coletivas fizeram parte de um mesmo movimento de aprendizagem.

Aos poucos, fomos compreendendo que aprender a pesquisar também significa aprender a questionar aquilo que já sabemos, rever nossas certezas e construir novos caminhos a partir das trocas com outras pessoas. Nesse sentido, o mestrado não representa apenas um espaço de aprofundamento individual, mas também um processo coletivo de formação, no qual nossas pesquisas se transformam à medida que dialogam com os conhecimentos, as experiências e os olhares daqueles que caminham conosco.

Permanência, acolhimento e o sentido da pesquisa em educação

A dimensão coletiva da experiência no mestrado também se revelou de maneira muito marcante na trajetória de Zilene Luna, colega que ingressou no programa como orientanda da mesma docente que orientava uma das autoras deste relato. Após diversas tentativas de ingresso na pós-graduação, Zilene finalmente conquistou sua vaga e iniciou o mestrado com grande dedicação, contudo, ainda no primeiro semestre, passou a enfrentar problemas de saúde que afetaram progressivamente sua mobilidade e sua rotina.

Mesmo diante das incertezas e da busca por um diagnóstico, não deixou de participar das aulas, das reuniões e das atividades acadêmicas. À medida que sua condição se agravava, nós, seus colegas, procurávamos mantê-la informada sobre o que acontecia no curso, compartilhávamos as discussões e realizávamos trabalhos em conjunto, buscando garantir que ela permanecesse vinculada às atividades do mestrado.

Sua presença e sua trajetória permaneceram marcadas pela luta, pela persistência e pelo desejo de continuar sua formação. Ao final daquele primeiro semestre, Zilene faleceu, encerrando uma trajetória que havia sido marcada por muitas tentativas para chegar ao mestrado e, posteriormente, por uma intensa luta pela própria vida.

Sua história permanece entre nós como memória de uma colega que lutou para ocupar esse espaço acadêmico e que, mesmo diante das maiores adversidades, não deixou de participar, aprender e construir conosco. Em sua memória, registramos nossa saudação e nosso reconhecimento, com carinho e respeito, à sua trajetória e à sua presença entre nós.

Consoante a isso, em nossa trajetória como mestrandos, um aspecto unânime foi o acolhimento que vivenciamos no programa. Após o ingresso, passamos a contar com o apoio contínuo de professores e colegas, os quais contribuíram significativamente para a nossa adaptação ao ambiente acadêmico. Essa mudança de cenário também nos levou a refletir sobre como o acesso às informações, às orientações e às redes de apoio ainda depende, em grande medida, do fato de já estarmos previamente inseridos no ambiente acadêmico. As trocas de experiências, os debates em sala de aula, os lanches coletivos e o compartilhamento de diferentes perspectivas tornaram o processo de aprendizagem ainda mais significativo, enriquecendo a nossa formação e evidenciando que a pesquisa se constrói de maneira essencialmente coletiva.

Se ingressar no mestrado representou um grande desafio para nós, permanecer no programa revelou-se um percurso ainda mais complexo. Em determinado momento de nossa trajetória, um de nós tomou a decisão de se desligar do emprego para conseguir dedicar o tempo e a energia necessários às exigências acadêmicas. Essa escolha exigiu renúncias e acarretou incertezas e dificuldades financeiras; contudo, consolidou-se como um investimento consciente em sua formação e no desenvolvimento de seu projeto de pesquisa em construção. A despeito dos obstáculos, as adversidades enfrentadas fortaleceram nossa determinação e reafirmaram a relevância desse itinerário para nosso amadurecimento pessoal e profissional.

Ao longo dessa caminhada, um de nós enfrentou também outro desafio expressivo: o preconceito direcionado à área que escolheu investigar. Em diversas ocasiões, deparou-se com comentários que minimizavam seu objeto de estudo, tratando-o como algo banal ou desprovido de relevância científica. Essa percepção evidencia o desconhecimento sobre o papel da pesquisa em

Educação e, especificamente, sobre a necessidade de problematizar temas presentes no cotidiano escolar que influenciam diretamente a formação dos estudantes. Longe de desestimular nossa trajetória, tais experiências fortaleceram nossa convicção de que pesquisar consiste, fundamentalmente, em questionar aquilo que é naturalizado ou considerado secundário, produzindo novas lentes analíticas e contribuindo para o avanço do conhecimento.

A experiência no mestrado configura-se, para nós, como um percurso que vai muito além da formação acadêmica estrita. Para nós, pesquisadores, essa vivência representa um processo contínuo de transformação pessoal e profissional, responsável por ampliar nossa capacidade crítica, fortalecer nossa autonomia intelectual e despertar o compromisso de produzir conhecimento capaz de contribuir significativamente para o campo educacional.

Cada desafio enfrentado ao longo dessa trajetória – desde o contato inicial com metodologias de ensino instigantes, a busca autônoma por informações e a insegurança dos primeiros momentos, até as renúncias pessoais, os entraves para a permanência e o enfrentamento de preconceitos em relação aos nossos objetos de estudo – reafirmou para nós a premissa de que o aprendizado científico se constrói, essencialmente, a partir de dúvidas, inquietações e do empenho constante em aprender.

Mais do que a conquista de um título, a vivência no programa tem nos ensinado a analisar a realidade de forma rigorosa e crítica, a reconhecer a pesquisa como instrumento de transformação social e a compreender a produção de conhecimento como uma via fundamental para enfrentar visões estigmatizadas e promover uma sociedade mais reflexiva e consciente.

Considerações Finais

Nossos relatos mostram que o Mestrado em Educação vai além do diploma: representa uma transformação pessoal que conecta a teoria às nossas emoções e condições de vida. Apesar de virmos de trajetórias distintas, concordamos que o curso nos marca nos planos pessoal, profissional e político.

Notamos um distanciamento em relação à graduação, pois o ingresso na pós-graduação ainda depende excessivamente do nosso esforço individual e de redes de apoio. Editais confusos e barreiras burocráticas mostram que as licenciaturas precisam orientar e acolher melhor os futuros pesquisadores, evitando perpetuar desigualdades.

Nossa formação científica ocorre de forma gradual, transformando dúvidas iniciais em pensamento crítico. Percebemos que produzir conhecimento em Educação não é um ato isolado, mas uma construção coletiva, pautada pela escuta, troca e compromisso ético com a diversidade.

Também enfrentamos severos desafios socioeconômicos para permanecer no curso, como a perda de renda e o atraso de bolsas. O acesso sem políticas de permanência compromete o fazer científico; ainda assim, ao pesquisarmos temas muitas vezes desvalorizados, reafirmamos o papel transformador da pesquisa no cotidiano escolar.

Em suma, a vivência no mestrado redefine nosso olhar sobre nós mesmos e sobre o nosso papel na sociedade. Os obstáculos superados foram fundamentais para desenvolvermos nossa autonomia. Esperamos que este estudo incentive os programas de pós-graduação a unirem o rigor acadêmico ao acolhimento das necessidades humanas.

Referências

ALMEIDA, Luiza Lucena de. Estado da questão sobre a permanência/evasão em cursos de pós-graduação entre 2017 e 2022. **Revista Tecnia**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. e10017, 2025. DOI: 10.56762/tecnia.v10i1.2132. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/tecnia/article/view/2132>. Acesso em: 25 jul. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan., 2002.

DUQUE, Tiago. Corpo de fala e pesquisa: autorreflexões sobre identidade e diferenças. In: NOGUEIRA, G. et al. **Lugar de fala: conexões, aproximações e diferenças**. Salvador: Devires, p. 71-77, 2020.

GONDIM, Linda M. P.; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso**. São Carlos: EdUFSCar, p. 41-78, 2006.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. (Org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, p. 23-45, 2018.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul., 2008.

ROSA, Marcelo Victor da; SALERNO, Marina Brasiliano. "... Entre outros" Inclusão e Interseccionalidade: um diálogo possível?. **Periferia**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e83821, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/83821>. Acesso em: 25 jul. 2026.

SETTON, Maria Da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, ago. 2002.